

## ESTRUTURAS SINTÁTICO-DISCURSIVAS EM TEXTOS CONVERSACIONAIS

Paulo de Tarso GALEMBECK\*

---

*RESUMO: O texto discute a presença, em textos conversacionais, de diferentes modalidades de estruturas frasais (frases verbais, nominais, truncadas, e frases com sujeito elíptico). Também é discutido o papel das citadas modalidades na estruturação do texto conversacional.*

*UNITERMOS: Texto conversacional; estrutura frasal; frase verbal; frase nominal; frase truncada; elipse.*

---

### 1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A aproximação entre unidades lingüísticas de diferentes níveis (estruturas frasais e estruturas discursivas) resulta das considerações de Schiffrin (5, p. 13 e ss.), segundo a qual não cabe limitar o estudo do discurso a um simples aspecto, a uma única dimensão. Ao contrário – ainda segundo a citada autora –, é preciso integrarem-se, nesse estudo, os níveis da estrutura, da interpretação e da ação.

Este trabalho representa uma tentativa para a aplicação das idéias de Schiffrin, já que nele se discute o papel exercido pelos diferentes tipos de frases na estruturação de diálogos. Fica claro que não se pretende considerar o discurso uma mera soma de unidades menores (frases), pois, na construção do discurso, confluem elementos de diferentes ordens (entonacionais, cinésicos, pragmáticos). O que busca, ao contrário, é discutir o papel dos diferentes tipos de frase na construção do discurso e (já que se trata de textos conversacionais) na interação entre os participantes.

As idéias de Schiffrin coincidem, *grosso modo*, com a formulação de Schmidt (6, p. 112), para quem a frase deve ser analisada a partir do texto-em-função, pois é no texto que se pode verificar o papel exercido pela frase na construção do mesmo.

Também contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho as idéias de Ochs (4, p. 51 e ss.), que afirma não ocorrer o desenvolvimento da linguagem por substituição,

---

\* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

mas por acréscimo, ou seja, pelo desenvolvimento de certas potencialidades lingüísticas. Ainda segundo a citada autora, certas estratégias comunicativas, próprias da linguagem infantil, podem aflorar na linguagem do adulto. Aliás, a esse respeito, a mesma autora enuncia (p. 68), como uma das características do discurso não-planejado, o fato de nele serem encontradas estruturas morfossintáticas adquiridas nos primeiros anos do desenvolvimento da linguagem.

Ochs, no texto citado, apresenta duas modalidades de estruturas frasais como as mais características dos estágios prévios do desenvolvimento da linguagem:

a. *estruturas nas quais se verifica o apagamento do referente*: o referente é indicado pelo uso de meios não-verbais (olhar, apontar, tocar) ou pela relação entre o que é dito e o contexto extraverbal. Incluem-se neste item os casos em que um dado referente está apagado, mas é suprido pelos dados prévios do contexto. Neste caso (referente depreendido do contexto) tem-se o fenômeno sintático-discursivo conhecido por elipse, cujo conceito será estabelecido num dos passos seguintes deste trabalho. Veja-se um exemplo: (\*)

(Exemplo 1) *ah essa refeição... normalmente leva  
meia hora mais ou menos... porque eles  
comem bastante coisa realmente ...  
quer dizer então::  $\emptyset$  é demorado ... (...)*  
(Inq. 360, 1. 323-7)

( $\emptyset$ : a refeição, referente elíptico, porém já mencionado anteriormente).

(Exemplo 2) *(...) depois ainda tem que escovar  
dente para sair ... éh tem cada  
um pegar sua lancheira o menino  
pega a pasta porque ele já tem  
lição de casa quer dizer  $\emptyset$  é uma  
corrida assim:: bárbara (...)*  
(Inq. 360, 1. 327-30)

( $\emptyset$ : a saída de casa, referente elíptico, depreendido do contexto).

b. *estruturas com referentes + preposição*: nesse caso o referente não está apagado, mas existe uma locução prepositiva implícita (em relação a, quanto a ...). Esse tipo de estrutura, característica de uma etapa posterior no desenvolvimento da linguagem, corresponde, em linhas gerais, à frase verbal ou oração:

(Exemplo 3) *L2 (...) e o:: centro bom:: em Washington  
por exemplo é gueto ... né? (...)*  
(Inq. 343, 1. 48-9)

## 2. OBJETIVO E CORPUS

Este trabalho busca verificar a presença, em textos conversacionais, das diferentes modalidades de estruturas frasais. Às duas conformações sintáticas propostas por

---

(\*) Optou-se, nesse passo do trabalho, por citar exemplos extraídos do *corpus* (em vez de casos representativos da linguagem infantil), por uma questão de conformidade com o restante do trabalho.

Ochs no texto já citado (a frase sem referente explícito ou manifesto, e a frase verbal) foram acrescentados dois tipos de estruturas frasais, quais sejam, a frase nominal e a frase truncada. Dessa forma, a tipologia das estruturas sintático-discursivas adotada neste estudo é a seguinte:

a) *frase nominal (FN)*: incluem-se neste item as estruturas frasais desprovidas de verbo, formadas por uma expressão nominal (substantiva), adjetiva ou adverbial: (Carone, 1, p. 48).

(Exemplo 4) *L1 então quando foram fazer a Paulista ...  
já tinham gastado três bi sei lá ...  
cacetada de dinheiro*  
*L2 [com aquela rebó/aquele rebaixamento  
né?*

(Inq. 343, 1. 376-9)

A intervenção do informante L2, no exemplo acima, constitui um exemplo de frase nominal. Cabe lembrar que, no *corpus*, todas as ocorrências que se enfeixam sob essa rubrica são constituídas por frases unimembres; não foram encontradas frases nominais bimembres.

b) *frase com referente (sujeito) elíptico (FE)*:

(Exemplo 5) *L1 manter contato com entidades aqui do bairro  
... com ... os pais de alunos e tudo mais  
quer dizer que dá trabalho então é um  
corre-corre ... durante a semana toda ...  
né?*

(Inq. 360, 1. 173-5)

Na oração “dá trabalho” não está presente o sujeito (“essas atividades”), o qual pode ser facilmente depreendido do contexto. Fato semelhante ocorre “então é um corre-corre”, em relação ao sujeito “minha vida” ou “meu-dia-a-dia”.

c) *frase verbal (FV)*:

(Exemplo 6) *L1 quando sai ... aquela folia assim de um  
correr atrás dela então ... se cala  
um pouco*

(Inq. 360, 1. 236-7)

No levantamento das ocorrências de FVs, optou-se por não se estabelecer diferenças (para as finalidades deste estudo) entre os períodos simples e os períodos compostos por coordenação ou por subordinação. Essa postura decorre de dois motivos principais: inicialmente, ambas as modalidades (períodos simples e compostos) constituem uma unidade sintático-semântica. Ademais, o estudo das formas de estruturação das frases verbais foge ao escopo deste trabalho, que está centrado no estudo da distribuição das diferentes modalidades de estruturas frasais em diálogos.

d) *frase truncada (FT)*: incluem-se neste item as frases cuja produção foi interrompida por “assalto” ao turno ou por hesitação do próprio falante:

- (Exemplo 7) *L2 é ... e outra coisa eles estão na escola de manhã provocado por alguma coisa porque como eu trabalho de manhã*  
*L1 certo você teve que adaptar o horário deles:...*  
 (Inq. 360, l. 369-71)

O informante L1 “assalta” o turno de L2, ou seja, corta bruscamente a palavra do seu interlocutor. Esse “assalto” constitui, em verdade, uma antecipação daquilo que deveria ser dito por L2.

- (Exemplo 8) *L1 (...) talvez você não tenha ... joguei uma analogia errada ... você já envolveu a psiquê quer jogar a psiquê em cima*  
 (Inq. 343, p. 14, l. 282-4)

Neste exemplo, verifica-se que o falante hesita e resolve não concluir a frase “talvez você não tenha”, para poder redirecionar sua linha argumentativa.

O truncamento constitui uma ruptura do fluxo discursivo. Por causa disso, ele não pode ser confundido com os anacolutos (exemplo 3) e com as pausas de planejamento (exemplo 9), já que em nenhum desses casos pode-se realmente falar em ruptura ou abandono de uma estrutura sintático-semântica. Vejam-se exemplos de pausa de planejamento:

- (Exemplo 9) *e:: sempre ... quem manda é:: ... os ... os ... a:: ...*  
*-- como é que se diz -- ... especulação imobiliária né? ... certo local fica bom para construir todo mundo pa corre para lá né? ...*

(A hesitação é marcada pelas pausas – indicadas pelas reticências – e pelo alongamento de vogais: e::; a::.)

O *corpus* deste trabalho é constituído pelas 500 primeiras linhas dos inquéritos nº 343 e 360, publicados em CASTILHO, A. T. e PRETI, D. (2). Cabe acrescentar que, do conjunto das ocorrências, foram excluídos os sinais meramente fáticos, do falante ou do ouvinte (*sabe?, né?, entende?, certo, ahn, ahn ...*), e as frases em que há trechos inaudíveis.

### 3. ANÁLISE DO CORPUS

#### 3.1. Distribuição das ocorrências

O conjunto das ocorrências de estruturas sintático-discursivas no *corpus* vem expostos no quadro a seguir:

O quadro abaixo revela algumas recorrências: primeiramente, há que se notar o predomínio das ocorrências de Fv, sempre com porcentagens superiores a 55% sobre o total das ocorrências. Além disso, cabe ressaltar a proximidade entre as porcentagens de FN.

Onde há discrepâncias notáveis é nas classes assinaladas a seguir. Primeiramente, verifica-se que o Inf. L2/Inq. 343 apresenta uma porcentagem elevada (em relação aos demais informantes) de ocorrências de FT. Isso se deve ao fato de o citado informante apresentar, em seu discurso, menor fluência verbal e marcas mais nítidas de hesitação:

QUADRO 1

	Inq. 343				Inq. 360			
	L1	%	L2	%	L1	%	L2	%
FN	33	12,6	18	18,5	18	15,7	27	12,7
FE	11	4,2	02	2,0	21	18,4	18	8,4
FV	193	74,2	57	58,7	65	57,0	141	66,5
FT	23	8,8	20	20,6	10	8,7	26	12,2
TOTAL	260		97		114		212	

(Exemplo 10) *L2 tudo isso é reflexo ... uhn:: ... de uma situação mais ampla né? assim comunicação em cidade grande o metrô é uma forma ... de comunicação né? (...)*  
(Inq. 343, 1. 421-3)

Outro fato digno de nota é a pequena ocorrência de FOs no Inq. 343, comparativamente ao Inq. 360. A explicação é que, no trecho estudado do citado inquérito, há predominância do discursivo argumentativo, o qual não propicia a existência do citado tipo de estrutura sintático-discursiva, pois nele se confere realce não ao referente, mas ao próprio falante:

(Exemplo 11) *L1 nós estamos com o metrô muito:: ... sei lá ... a gente está acostumado já de ouvir falar de metrô porque está muito mas ... não não temos metrô ainda metrô tem que ser uma malha ... certo? nós temos uma linha ... coitadinha não sei se dá para chamar ela de metrô ...*  
(Inq. 343, 1. 396-400)

No Inq. 360, a quantidade mais expressiva de FOs é devida ao fato de nele predominarem os discursos narrativo e descritivo. Nessas modalidades, a presença do referente (real ou inferida) é essencial para o desenvolvimento do próprio discurso, por isso se deve atribuir a ele (ao referente) a necessária relevância:

(Exemplo 12) *L2 é (pensamos) seriamente em parar ... depois disso ainda tive problema de ... saúde problemas de tireóide não sei que:: então o médico está aconselhando a não ter mais ... então nós estamos pensando ... estamos pensando não oficialmente ∅ não está encerrado ... mas de fato ∅ está porque::... o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos ...*  
(Inq. 360, p. 138, 1. 75-81)  
∅: o fato de ter filhos

### 3. 2. Distribuição das frases nominais (FNs)

Cabe, agora, focalizar em que situação ocorrem as FNs. Pôde-se verificar que, no *corpus*, elas figuram em duas situações predominantes: em turnos curtos (nucleares ou inseridos)\* e na continuidade de turnos mais longos:

(Exemplo 13) *L2 mas que tamanho quantos habitantes tem lá?*  
*L1 cinquenta cem mil ...*  
 (Inq. 343, 1. 63-5)

(Exemplo 14) *L1 você entrou nesse último concurso ... para*  
*procuradora*  
*L2 nesse último concurso ...*  
*L1 há dois anos*  
*L2 mil novecentos e sessenta e nove ...*  
*L1 e foi chamada*  
 (Inq. 360, 1. 453-8)

Nos dois exemplos apresentados, a FN constitui uma estratégia empregada para uma participação breve, requerida ou não pelo falante. Essa participação breve constitui um índice de que o falante não deseja tomar o turno. Frases nominais também podem aparecer em turnos mais longos, caso em que elas funcionam como uma espécie de aposto, esclarecendo ou expandindo um concerto anteriormente expresso:

(Exemplo 15) *L1 (...) mas já está um montão de coisa errada*  
*certo? ... muito bairro::... residencial com*  
*muita indústria dentro ... principalmente*  
*bairro pobre né? ... para consertar isso:::*  
*não dá ...*  
 (Inq. 343, 1. 91-6)

A distribuição das ocorrências de FNs vem expostas no quadro 2:

QUADRO 2

	Inq. 343		Inq. 360	
	L1	L2	L1	L2
turno curto	05	02	14	18
cont. de turno	28	16	04	09

No Inq. 360 predominam FNs em turnos curtos, ao contrário do Inq. 343, no qual há mais FNs na continuidade do turno. Essa diferença é devida ao fato que, no primeiro, há maior disputa pelo turno e os turnos, em consequência, tendem a ser mais breves.

(\*) O *turno nuclear* caracteriza-se por contribuir decisivamente para o desenvolvimento do tópico principal da seqüência conversacional; o *turno inserido*, por sua vez, ocupa uma posição marginal em relação ao desenvolvimento do tópico e aparece entre turnos principais.

### 3. 3. Distribuição das frases com sujeito elíptico (FE)

Em relação às FEs, já foi comentado que sua participação mais relevante é a que ocorre em trechos narrativos e descritivos. Nesse caso, o referente ou foi citado anteriormente (no próprio texto), ou é depreendido a partir de informações contextuais:

(Exemplo 16) L2 *ela cuida desses outros?*  
 L1  $\emptyset$  *cuida ... e  $\emptyset$  cuida de si ... é muito exigido comigo e com o meu marido ...*  
 (Inq. 343, 1. 209-13)  
 ( $\emptyset$  = *ela*)

(Exemplo 17) L2 *é ... ((risos)) exatamente se a gente for parar para fazer as coisas calmamente  $\emptyset$  não dá ... pura e simplesmente  $\emptyset$  não dá ... (...)*  
 (Inq. 343, 1. 133-5)  
 ( $\emptyset$ : *o tempo*)

Em ambos os casos (referente citado no contexto ou dele depreendido), o referente elíptico remete, preferencialmente, a um antecedente que figura no mesmo turno da FE. É o que se pode verificar pelo quadro a seguir:

QUADRO 3

	Inq. 343		Inq. 360	
	L1	L2	L1	L2
mesmo t.	10	02	16	13
outro t.	01	-	05	05

O termo elíptico constitui um dos elementos de que a língua dispõe para o estabelecimento das relações de correferência (anáfora). O fato de ele e o antecedente estarem situados (na maioria dos casos) no mesmo turno conversacional constitui uma tendência seguida pelos demais termos anafóricos gramaticais (pronomes) e pelos lexicais (Galembeck, 3, cap. 3-4).

Cabe lembrar, ainda, que o fato de ser omitido um referente já mencionado no contexto ou dele inferido corresponde à própria caracterização de elipse. Segundo Thomas (7, p. 62 e ss.), a elipse define-se como a forma de "ausência" lingüística na qual o elemento omitido é suprido pelo contexto. Em outros termos, um termo elíptico não é apenas o que não é dito, mas o que não é dito e, igualmente, compreendido a partir do contexto.

### 3. 4. *Distribuição das frases truncadas (FTs)*

As frases truncadas não constituem propriamente um tipo de configuração sintático-discursiva, e a sua inclusão neste trabalho resulta unicamente das características do texto conversacional. Por isso mesmo, não será discutido o papel das FTs na estruturação do texto conversacional; apenas será lembrado que elas podem resultar de dois fatores: ou da hesitação do falante (exemplo 18) ou do “assalto” ao turno (caso em que o ouvinte toma palavra sem que o falante tenha concluído a sua intervenção, como se verifica no exemplo 19). Vejam-se os exemplos:

(Exemplo 18) *L2 mas:: ... fazia o atendimento do pessoal ... encaminhava ... e:: ... depois então eu tive que deixar ... fui obrigada a deixar dada a dificuldade ... em casa*  
(Inq. 360, 1. 437-40)

No exemplo acima, o informante L1 não conclui a descrição das suas atividades profissionais (“fazia o atendimento do pessoal ... encaminhava:: va ... e:: ...”) e decide iniciar outro tópico narrativo.

(Exemplo 19) *L2 não porque eu ouvi depois que:: ... depois que estabeleceram af::*  
*L1 (tem isso) porque envolve interesses econômicos muito ... FORtes muito grandes ...*  
(Inq. 343, 1. 84-9)

Nesse exemplo, o informante L2 não pode concluir a sua interlocução, uma vez que L1 o interrompe no momento em que ele hesita.

O quadro a seguir evidencia que, no *corpus*, os casos mais frequentes de truncamento são os que resultam de hesitação. Esse fato advém das características dos diálogos pertencentes ao *corpus* do Projeto NURC: não se trata de conversações integralmente espontâneas, gravadas que são com o conhecimento dos informantes, em presença do documentador, o qual monitora o processo de interação.

QUADRO 4

	Inq. 343		Inq. 360	
	L1	L2	L1	L2
c/ assalto	04	10	02	10
s/ assalto	19	10	08	16

### 3. 5. *As frases verbais (FVs)*

A modalidade de configuração sintático discursiva mais freqüente no *corpus* é a frase verbal, de estrutura sujeito-predicado. Outras feições da FV (com SN tópico diverso



do sujeito ou com expressão adverbial topicalizada) apresentam baixa representatividade no *corpus* deste trabalho. Aliás, o Quadro 5 indica que são poucos os casos em que um termo sintático diverso do sujeito ocupa a posição tópica:

QUADRO 5

	Inq. 343		Inq. 360	
	L1	L2	L1	L2
Suj. tóp.	173	54	44	115
SN tóp. (diverso do suj.)	09	04	03	04
S Adv. tóp.	11	01	18	22

O Quadro anterior indica que nas FVs, o elemento mais apto a ocupar a posição tópica é, pois, o próprio sujeito da oração. O termo que ocupa a referida posição (seja ele sujeito ou não) pode cumprir um duplo papel, no plano discursivo: ou introduz um novo referente e o alça à condição de referente principal (a expressão “a minha de onze anos”, no exemplo 20 ou o sintagma adverbial “ali perto da Praça da Sé”, no exemplo 21), ou, então, retoma um referente já mencionado, colocando-o, igualmente na posição de relevo. Vejam-se os exemplos:

(Exemplo 20) *L1 numa família há sempre um com tarefa de supervisor ... por instinto não é por obrigação*

[

*L2 ( ) ((risos))*

*L1 então a minha de onze anos ... ela supervisiona o trabalho dos cinco ... então ela vê se as gavetas estão em orde/...*

(Inq. 360, l. 189-93)

(Exemplo 21) *L1 ruas mais ou menos sujas ... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ...*

...

(O Sadv. *ali perto da Praça da Sé* ocupa a posição tópica)

(Inq. 343, l. 27-27)

(Exemplo 22) *L2 filhos da pflula não? ((risos))*

*L1 não ...*

*L2 nem da tabela?*

L1 *não justamente porque a tabela não::  
 não deu certo é que:: ((risos)) vieram ao  
 acaso*

(Inq. 360, 1. 10-4)

## CONCLUSÕES

O exame da presença de estruturas sintático-discursivas no discurso conversacional revela que essas estruturas podem ser vistas como estratégias de que o falante se serve para a construção do texto. Assim, as FNs funcionam como uma espécie de adendo ao turno do mesmo ou do outro interlocutor. Já as FOs cumprem o papel de indicar a continuidade referencial, especialmente em trechos narrativos ou descritivos. Já as FTs decorrem da própria dinâmica que caracteriza os textos conversacionais.

Quanto às FVs (mesmo as que têm tópico não-sujeito), torna-se difícil precisar o respectivo papel na estruturação do texto conversacional, pois a elevada presença dos membros dessa classe impede considerações mais consistentes a esse respeito. É importante lembrar que as configurações sintático-discursivas de menor emprego tendem a ser, reciprocamente, empregadas em situações bem específicas, claramente delimitadas.

Cabe salientar, ainda, o papel representado pelos diferentes tipos de estruturas sintático-discursivas na interação entre os participantes do diálogo. Esse papel é particularmente nítido nas FNs: naquelas que figuram em turnos “longos” e representam uma espécie de aposto (exemplo 15), a função interativa é evidenciada pelo fato de que o falante sente a necessidade de tornar mais claro aquilo que está sendo exposto. Essa necessidade pode decorrer de alguma manifestação do ouvinte (verbal ou não verbal), ou simplesmente resulta da necessidade de clareza trazida pela proximidade entre os interlocutores.

As FNs que figuram em turnos “curtos” (exemplos 13 e 14) indicam que o ouvinte não é um mero espectador passivo, mas procura intervir na construção do discurso.

Da mesma forma, a presença de FEs (exemplos 12, 16 e 17) advém do fato de haver um contexto partilhado entre os interlocutores, ou, em outros termos, da circunstância de o referente implícito poder ser facilmente identificado pelos participantes.

À guisa de conclusão, é preciso relembrar o que foi dito no início deste texto: os elementos do discurso não podem ser considerados de forma isolada, sem relação com outros elementos de diferentes níveis. Ao contrário, existe uma inter-relação entre esses elementos, o que pôde ser verificado pelo exame dos tipos de estruturas frasais. Com efeito, os diferentes tipos de estruturas correspondem, *grosso modo*, a diferentes funções na construção do discurso e do processo interacional.

## OBSERVAÇÕES SUPLEMENTARES E AGRADECIMENTOS

Este artigo constitui uma versão modificada do texto apresentado como monografia de conclusão do curso “Análise da Conversação”, a que o autor assistiu como

aluno especial. Esse curso foi ministrado em janeiro de 1991, na UNICAMP e teve por docente o Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi (UFPe), a quem o autor agradece as judiciosas observações apostas à versão inicial deste trabalho.

O artigo é dedicado ao Prof. Dr. Dino Preti (da USP), pelo estímulo à realização de pesquisas e estudos acerca do português falado.

---

GALEMBECK, P. T. Syntactic-discursive structures in conversational texts. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 123-133, 1991.

*ABSTRACT: The goal of this paper is to demonstrate the different kinds of sentence structures (i e, nominal, verbal, truncated and elliptical subject phrases in conversational texts) and to discuss the function of these sentential structures as parts of the conversational text.*

*KEY-WORDS: Conversational text; sentence structure; verbal sentence; nominal sentence; truncated sentence; ellipsis.*

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1986.
2. CASTILHO, A. T., PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São paulo: T. A. Queiroz, 1990. 4 v. v. 2: Diálogos entre dois informantes.
3. GALEMBECK, P. T. *Um estudo dos elementos anafóricos em textos conversacionais: Projeto NURC/SP*. São Paulo: USP. 1990. 302 p. Tese (Doutoramento).
4. OCHS, E. Planned and unplanned discourse. *Syntax and Semantics*, n. 12, p. 51-80, 1979.
5. SCHMIDT, S. J. *Linguística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.
6. SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge University Press, 1987.
7. THOMAS, A. L. Ellipsis: the interplay of sentence structure and context. *Língua*, v. 47, p. 43-68, 1979.